

A VULNERABILIDADE PSICOLÓGICA DO ADOLESCENTE DEVIDO ÀS REDES SOCIAIS

Graciane do Nascimento Maciel Borges; Maysa Teresa Lima ^{1*}

Professora Orientadora: Carla Oliveira Cruz Ribeiro

RESUMO

Mediante as novas formas de interação experienciadas pelo adolescente contemporâneo, através das tecnologias e redes sociais, que se apresentam como um novo modelo de vivência, bem como as questões relacionadas ao processo de formação de sua identidade, o presente estudo buscou compreender os impactos que essa nova configuração virtual pode trazer a saúde mental dos jovens. Como método foi realizada a revisão de literatura, na qual foram encontrados através das palavras-chaves: Redes sociais, adolescência, impactos psicológicos, 6 artigos no total. Como critérios para seleção da amostra, considerou-se: a) publicações em periódicos nacionais e internacionais, escritos em língua portuguesa, entre o período 2017 e 2020, com artigos de periódicos qualificados entre A1 e B4 segundo o QUALIS; b) artigos indexados com as palavras-chave Redes sociais, adolescência, impactos psicológicos. nas bases de dados Scielo e Pepsic; c) periódicos disponíveis no Brasil, nas bibliotecas da Universidade Salgado de Oliveira e da Universidade Federal de Minas Gerais. Os resultados dos estudos apontaram que o sujeito adolescente se torna vulnerável diante as redes sociais, fazendo com que o mesmo negligencie sua própria subjetividade em decorrência dessa manipulação. E como consequência dessa vulnerabilidade apresentam-se os diversos efeitos nocivos ao psicológico desse adolescente e o comprometimento de sua saúde mental. Percebeu-se a importância da conscientização a respeito das influências negativas e a promoção de ações que visem a diminuição dessas consequências, tal como estudos que objetivem a obtenção de critérios, intervenções assertivas e possibilidades de atuação diante do exposto, visando minimizar os problemas psicológicos evidenciados e seus efeitos, e tornar possível o uso das redes sociais de maneira saudável.

Palavras-Chave: Redes Sociais. Adolescência. Impactos Psicológicos.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano possui a necessidade primária de estabelecer interação. É por meio da convivência em família e nas organizações, sejam elas profissionais, educacionais ou religiosas que se dão

^{1*}

essas interações. Na sociedade contemporânea esse convívio tem sido estabelecido através do ambiente virtual, por meio das redes sociais. Nelas os indivíduos se conectam de forma simultânea a partir de seus valores e gostos em comum (CERIBELI; PAIVA, 2011).

Para Stengel et al. (2018), atualmente a internet pode ser considerada como o epicentro das tecnologias digitais. Juntamente com as redes sociais ela gerou uma nova forma de cultura denominada de cibercultura. A cibercultura é o conjunto dos sistemas midiáticos e sociais que surgiram na década de 70, após a aproximação da informática, telecomunicações e sociabilidade contra cultural do momento. Desde a década de 90, o acesso à internet tem sido ampliado e, na contemporaneidade, esse acesso tem ocorrido de diferentes formas e em diferentes lugares, sendo possível estar conectado a todo o momento e não mais apenas de um lugar ou computador específico, especialmente com o advento do smartphone.

A juventude desse novo tempo foi denominada como geração Alpha, composta por crianças inseridas num cotidiano todo envolvido pelas tecnologias. Uma geração que já nasce conectada nas redes, com olhares sempre mantidos em direção às telas e aos smartphones (OLIVEIRA, 2019).

Desde 1965 a Organização Mundial da Saúde (OMS), define a adolescência é um período biopsicossocial compreendido entre os 10 e 20 anos. Uma etapa da vida marcada por mudanças físicas, psicológicas e sociais. Inerente ao desenvolvimento humano, é uma fase em que se apresentam diversos conflitos “naturais”. Nela estão presentes características como incompletude, imaturidade, desenvolvimento do corpo e da imagem, instabilidade emocional e sobretudo a busca pela identidade, que constitui uma das tarefas mais importantes (PRATTA; SANTOS, 2007).

Segundo Guareschi (2008), o aumento e o desenvolvimento de tecnologias trazem desafios para a compreensão do ser humano e para a atuação de profissionais da psicologia. É importante compreender que com o passar do tempo são criados outros meios de comunicação e que podem influenciar e alterar as relações sociais entre adolescentes e para com o mundo. As tecnologias criam a identidade do sujeito e determina o lugar dele na sociedade, o que promove um discurso de como atuar e viver.

Compreende-se com Valente (2014) que o jovem de hoje é atravessado a todo momento pelas tecnologias e as redes sociais, que os moldam desde os aspectos didáticos, que favorecem seu aprendizado e suas conexões neurais, até os fatores excedentes relacionados aos vícios e as dependências, tanto psicológicas quanto emocionais, as quais podem acarretar um possível adoecimento ou distúrbios.

A adolescência é a fase em que se emergem as incertezas. O indivíduo que antes era criança, e se mantinha sob proteção, acaba se encontrando no “meio do caminho” para a fase adulta e precisa começar a se adaptar nesse novo mundo.

Nesse processo, somados às questões de formação de identidade e estruturação do seu eu, as redes sociais evoluíram ao ponto de se tornarem a rotina desses jovens (VALENTE, 2014). Diante deste cenário, as redes sociais tiveram o objetivo de aproximar e conectar as pessoas, mas trouxeram um novo desafio para a sociedade: se libertar das exigências “fictícias”. Hoje elas fazem os indivíduos se compararem e se deixarem ser influenciados, deixando de lado sua própria vida, seus gostos, sua originalidade e sua identidade vai sendo perdida (GARESCHI, 2008).

O objetivo desta pesquisa é entender como as redes sociais podem tornar os adolescentes mais suscetíveis a problemas de saúde mental.

1.1 Referencial teórico

A Adolescência

Na enciclopédia Barsa pode-se encontrar: "a adolescência é expressão de um período de desequilíbrio e, via de regra, de conflitos de toda espécie, sobretudo afetivo-emocionais" (BARSA, 1993, p. 89). Já no dicionário Aurélio, o termo aparece como "período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças

corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos)" (FERREIRA, 2009, p. 54).

Knobel (1989) trouxe a "síndrome normal da adolescência", definida por:

- 1) descoberta de si e de sua identidade; 2) propensão grupal; 3) demanda por educação e fantasia; 4) crises religiosas, que vão do ateísmo ao fervor 5 sem localização no tempo 6) desenvolvimento da sexualidade 7) contestação social, com propensão antissocial 8) contradições em suas expressões de conduta todas as manifestações da conduta 9) afastamento progressivo dos pais 10) constantes mudanças de humor. (KNOBEL, 1989, p.29).

Para Outeiral (1994), autor brasileiro, a adolescência é um período de evolução humana representada pela definição da identidade. Iniciada pelas transformações corporais da puberdade, até que a maturidade e a responsabilidade sejam obtidas pelo sujeito. Ela é dividida, por Outeiral (1994), em três fases: a primeira é vivência passiva das transformações do corpo, gerando um sentimento de impotência frente ao mundo. Na segunda existe o choque de gerações, com a busca pela independência e de sua definição sexual. E a terceira traz a procura pela sua identidade profissional, a aprovação da sociedade e sua independência financeira.

No mesmo momento em que podemos generalizar a respeito de alguns aspectos característicos da fase da adolescência, devemos considerar que ela é resultado da inclusão histórica, cultural e das vivências desse adolescente relacionadas a seu gênero, sociedade e geração (MARTINS et al., 2003).

Erikson (1972) sugere que o ambiente participa da constituição da personalidade do indivíduo. Sifuentes, Dessen e Oliveira (2007) citam que as etapas do ciclo de vida, como a adolescência, são os ensinamentos advindos do contexto social e psicológico ao qual estão inseridos. Essa é uma nova visão de desenvolvimento, principalmente da adolescência.

Sifuentes, Dessen e Oliveira (2007) consentem que o processo de desenvolvimento se dá pelas mudanças físicas e cognitivas, bem como as alterações ocorridas na sociedade em que ele vive.

Farias e Crestani (2017) afirmam que é nessa fase da vida que acontece a introdução social e da cultura e é pela internet que acontece a incorporação e socialização do jovem hoje. Ao se utilizar

das redes sociais ele procura notoriedade como indivíduo, valorização da sociedade da vida e identificação com o meio.

Guareschi (2008) levanta as questões das produções sociais que repercutem no convívio dos indivíduos e determinam modelos de comportamento, levando-os a serem simples reflexos de outros modos de pensar e ignoram sua habilidade de ser protagonista de sua existência. E dessa maneira ele se constrói e configura as relações sociais.

Não se pode concluir então que exista uma adolescência universal, apresentada de maneira igual, ao mesmo tempo nas diferentes culturas (grifos do autor). Mas sim da existência de indivíduos únicos, que amadurecem de forma individual e particular. Uma fase que deve ser entendida como um processo psicossocial (AZEVEDO, 2006).

Identidade

A identidade se resulta da união dos traços que se resultam das convivências entre os indivíduos, às vezes diferentes, em outras semelhantes uns aos outros, trazendo suas vivências, o que os move, seu jeito de ser e se comportar, com objetivos diferentes, particulares ou grupais (FOLLMAMM, 2001).

De acordo com Berger (2003) é relevante pensar numa identidade em constante evolução. À medida que vai se experienciando novas situações, vamos nos ajustando, reconfigurando e fortalecendo os alicerces que constituem a base da identidade, sempre através de novos entendimentos que o indivíduo tem acerca das realidades apresentadas.

A subjetividade permite explorar sensações que envolvem esse processo de construção da identidade, e assim explicar os porquês de apegar a certas particularidades (HALL, 2001).

Segundo Lacerda e Lacerda (1998), seu ambiente tem inegável influência na formação dessa autoimagem. Embora o sexo seja um fato biológico, a cultura ambiental pode interferir ou mesmo

confundir o comportamento adequado em resposta a ele: uma coisa é o que é um adolescente, e outra é como ele se comporta porque está no auge. Ele define e experimenta múltiplos “eus”.

Por ter uma identidade pouco formada, o adolescente forma uma identidade gregária, compartilhada com outros e estabelecida também mediante identificações com personagens públicos, figuras da música, espetáculos, heróis que se convertem em modelos (DELVAL, 2000, pag. 584).

Com base nos pressupostos teóricos de Turkle (1989) sobre a possibilidade de criação de um eu digital, a pesquisa sobre essa expressão visa compreender como as pessoas utilizam os recursos e dispositivos da Internet, especialmente as redes sociais, criando um suposto eu (ROSA; SANTOS, 2015).

Essas novas configurações de relações nas redes digitais têm sido amplamente debatidas, pois as pessoas percebem que nascer ou não com esse novo ambiente irá, de alguma forma, alterar as relações sociais que desenvolvem no seu cotidiano com os outros (ROSADO; TOMÉ, 2015).

Redes sociais

Na sociedade contemporânea as redes sociais aparecem como assunto de extrema relevância, pois elas refletem um novo modelo de vivência e socialização.

O termo rede tem origem etimológica no vocábulo latim rete e assume, hoje em dia, diversos significados. Pode significar espécie de malha formada por um entrelaçado de fios, cordas, arames ou outro material; artefato para fins de apresamento ou retenção do animal desejado; tecido de malha metálica usado para formar vedações. Pode significar, também, conjunto de pessoas, estabelecimentos ou organizações que trabalham comunicando entre si. (FERREIRA, 2011, p.2010)

De acordo com Santana et al. (2009) as chamadas Redes Sociais On-line (RSO) são definidas como um sistema tecnológico de comunicação de abrangência global que integra os meios e propõe uma potencial interação e participação de seus usuários, que se envolvem no compartilhamento de informações e na troca de experiências.

Estas redes oferecem aos seus usuários conhecimento e comunicação, bem como a possibilidade de experimentar identidades e novas relações (TURKLE, 1998). Portanto, na atualidade, as redes sociais são vistas como um conjunto de elementos de interações (RECUERO, 2009). Nelas, cada sujeito tem sua função e identidade cultural. As relações formam um todo coeso formando uma rede (TOMAÉ; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005).

O uso desenfreado das redes sociais pelos adolescentes se dá em decorrência da própria fase de desenvolvimento em que vivem, já que é o período em que estão dispostos a lançarem-se nas relações sociais (REGAN; STEEVES, 2010). Allen et al. (2010) citam que esse é o período de construção da esfera social do sujeito. Como resultado, somos confrontados com uma nova forma de vivenciar a adolescência, atravessada a todo momento pelas tecnologias influenciando a vida dos jovens.

As redes sociais virtuais permitem o contato com novas pessoas e ampliam o círculo de relacionamentos, sem que o indivíduo precise sair de onde está (LÉVY, 2010). Nesse sentido, são particularmente atraentes para os adolescentes que buscam solidificar as bases de sua identidade nas relações sociais. Através da Internet e das redes sociais virtuais é possível criar novas identidades e assumir diferentes papéis (NOBREGA, 2010; TURKLE, 1998). Dessa maneira, através das redes sociais, o adolescente se cria e se molda em busca de atingir uma identidade satisfatória e de acordo com suas demandas e crenças (TURKLE, 1998).

Castells (1999), defende que somos uma sociedade em rede e vivemos na era da informação, e alerta que esta nova formação social altera profundamente o fluxo de informação, cultura e padrões de produção.

A pesquisa de Castells (1999) apresenta consistentemente a rede como uma nova organização social no espaço virtual, cuja lógica pode alterar o funcionamento e os resultados da produção, experiência, poder e cultura. Essa nova organização exige uma nova perspectiva e uma nova forma de abordar o mundo a partir do indivíduo, quebrando paradigmas e adotando uma nova postura diante da realidade em que se encontra.

Almeida et al. (2018), ao compreender a construção identitária dos adolescentes que utilizam as redes sociais, podemos verificar que o processo de formação da personalidade tem consciência de que a construção pode ter efeitos positivos e negativos à medida em que interagem.

Apesar de ser um recurso útil para a ampliação dos conhecimentos, interação e conversas com pessoas próximas ou não, essa “abrangência de possibilidades resulta em adolescentes cada vez mais vulneráveis aos predadores on-line (MAZZARELLA; POTTER; BYRNE, 2009).

Influências negativas das redes sociais

A internet é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento humano, assim como um avião, pode ser usada para o bem e para o mal. Os ataques por meios eletrônicos são uma evolução de antigos grafites nas paredes de escolas, casas e até banheiros de instituições de ensino. Eles eram realizados no meio da noite, causando grande sofrimento às suas vítimas e deixando seus praticantes à solta. Hoje, o lobo mudou o método, mas não a prática (CALHAU, 2009).

Se, por um lado, a metáfora do conceito de rede social enfatiza os laços sociais dos indivíduos, enredados por um mesmo grupo, por outro, a análise do conceito de rede social nos traz como esse emaranhado influencia o comportamento das pessoas ali envolvidas (FERREIRA, 2011).

Farias e Crestani (2017) assegura que a fase da adolescência é permeada pela inserção da cultura e inclusão social, e essa socialização é inserida através da internet. E traz ainda a questão do impacto de interação em conjunto que esse meio nos traz, como certos padrões de comportamentos e pensamentos como forma de afirmação de que não estão sendo protagonistas de sua própria vida.

A cultura é a mediadora, a mídia molda formas de pensar e condiciona os adolescentes a apenas um saber. “No que se refere a mídia, podemos dizer que ela se tornou o slogan da nova geração,

então o processo de formação de identidade se dá a partir de modelos lançados por ela” (FARIAS; CRESTANI, 2017, p. 3).

Com isso, além da tecnologia que invade o contexto moderno, o virtual e o ciberespaço acolhem irresistivelmente a subjetividade do indivíduo, propiciando como na linguagem popular, navegações infinitas (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Langaro e Benetti (2014) relatam que assim se dá uma sociedade propensa a desindividuação, constituída de egos frágeis, e dependentes do outros, os quais condicionam até mesmo as suas existências.

Segundo Fonseca et al. (2018) a periodicidade e o modo que faz uso das redes sociais influenciam a vida e configuram as maneiras de interação dos saberes individuais e sociais.

Por um lado, a alienação do eu, vivenciando a ilusão dos sentidos e sensações adquiridos pelo sujeito, é marcada como uma possível repercussão das redes sociais na subjetividade, que leva ao desencajamento e camuflagem da fantasia e da imaginação (ROSA; SANTOS, 2015).

Com base nos pressupostos teóricos de Turkle (1989) sobre a possibilidade de criação de um eu digital, a pesquisa sobre essa expressão visa compreender como as pessoas utilizam os recursos e dispositivos da Internet, especialmente as redes sociais, detalhando uma suposta recriação de si mesmas no ambiente virtual (ROSA; SANTOS, 2015).

Vem crescendo o número de pessoas e a quantidade de tempo de acesso às redes sociais. Esse excesso tecnológico pode ser problemático. Esses casos extremos tem ligação com a depressão, acidentes e até morte (BRASIL, 2019). Analisar sobre esse assunto se faz necessário, devido a sua complexidade e seus recursos que podem ser positivos ou negativos.

Da mesma forma, tem aumentado os relacionamentos pessoais e afetivos banais, superficiais e passageiros, que possuem poucas chances de se tornarem vínculos mais duradouros. Os afetos

estão frágeis e as relações são construídas por intermédio do tédio, o vazio e a futilidade (LANGARO; BENETTI, 2014).

Fonseca et al. (2018) apontaram que a conexão e seu uso frequente pode causar algumas distrações e hábitos negativos nos indivíduos. Tornam-se vulneráveis porque não têm contato físico, e não experimentar causa problemas de ansiedade, solidão, depressão. Os autores propõem que a autoestima e o autoconhecimento também são afetados pelo uso excessivo da Internet.

Moromizato et al. (2017) também apontaram que o comportamento de se utilizar da internet está relacionado ao desejo de procura do bem-estar e sensações de prazer.

De acordo com o conteúdo dos posts feitos na rede social, que na maioria das vezes resulta em uma imagem perfeita, ajuda a desencadear transtornos alimentares e de imagem corporal. Assim muitos jovens se isolam e ficam deprimidos, sentem-se inferiorizados e até mesmo insuficientes, em razão de preocupação excessiva em não atender aos padrões estabelecidos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Holland e Tiggemann (2016), apontaram como problemática algumas atividades nessas redes, tais como visualização e upload de fotos. Essas atividades favoreceram a comparação social baseada na aparência, reforçando sua relação com a IC e o comer transtornado.

Discutindo os mecanismos envolvidos na relação entre mídia social e insatisfação, Hanna et al. (2017), verificaram que, para ambos os sexos, o uso do Facebook foi associado a maior comparação social e auto-objetificação, que foi associada a menor autoestima, pior saúde mental e maior vergonha do corpo.

As Influências das Redes Sociais com Adolescentes é uma versão da realidade, e não alcançar tal ideal é motivo de frustração e insatisfação. (LIRA et al. 2017).

Associados ao uso excessivo da internet, estão os efeitos psicossociais tais como depressão, problemas de relacionamento, solidão e redução das atividades físicas, sociais e familiares. A

Internet proporciona uma sensação de segurança causada pelo anonimato, o que parece reduzir as chances de se envolver em relacionamentos virtuais perigosos. Essa estratégia pode se mostrar um meio muito eficaz de socialização no início, mas com o tempo e o uso excessivo da internet, essa forma de se comunicar e fazer amigos pode levar a um declínio na vida social e pode se tornar um lugar preconceituoso para diversas manifestações patológicas (NABUCO et al., 2008).

Com isso, a cultura contemporânea tem evidenciado frequentemente novas patologias como depressão, drogadicção, anorexia, bulimia, violência, consumismo, síndrome do pânico e várias doenças psicossomáticas (FAVARET et al., 2007).

Autores acreditam que a internet possa isolar pessoas e limitar seus relacionamentos sociais, levando-os a comportamentos de dependência e a um desinvestimento do dia a dia real (TURKLE, 1989).

Kraut et al. (1998) afirmam que o uso abundante da internet diminui a comunicação do usuário e a família, como também com as pessoas de seu círculo social presente, o que aumenta a depressão e a solidão. Bauman (2004) afirma que as pessoas hoje não estão mais buscando “relações reais”, mas sim “conexões”, chamadas pelo de autor de virtuais.

O uso indiscriminado das redes sociais pelos adolescentes pode causar o desequilíbrio cognitivo do ser. Além de aumentar os transtornos de atenção, transtornos obsessivos, ansiedade ou problemas de comunicação, prejudicando de forma direta a aprendizagem (SILVA; SILVA, 2017).

Ainda em fase de desenvolvimento, os adolescentes precisam de um monitoramento efetivo dos pais, evitando a utilização excessiva das redes sociais, para que não ocorra prejuízos no processo de aprendizagem e para que não afete as habilidades funcionais necessárias para o crescimento, através dos limites (SILVA; SILVA, 2017).

Consequências das mídias na saúde mental dos adolescentes

Como resultado de uma construção social, o corpo bonito é moldado por padrões de beleza propostos pela sociedade que variam de acordo com a cultura e história (CHRISTAKIS; FOWLER, 2007). Schilder (1999) determina que imagem corporal é uma representação do corpo criada em nossa mente, a forma como ele se apresenta para nós.

As redes sociais exercem um papel fundamental na formação e propagação dos ideais corporais (HOLLAND; TIGGEMANN, 2016), com possíveis repercussões negativas na autoimagem e contentamento com o corpo. A relação entre a mídia e o descontentamento com o corpo tem como medida a comparação que a sociedade traz em torno da aparência. Sujeitos, especialmente as mulheres avaliam e se comparam com outras. Fica notável que quanto maior a comparação maior a insatisfação com o corpo (MYERS; CROWTHER, 2009).

Da mesma forma que estar dentro de padrões corporais esperados pela sociedade hoje nos faz sentir autoconfiança, pertencimento e poder, trazendo sentimentos positivos relacionados ao bem-estar (SOUZA et al., 2013), estar fora do padrão traz efeitos contrários. A imagem corporal é a dimensão de percepção relacionada ao tamanho e formas corporais, e a dimensão atitudinal que envolve comportamentos de afetividade e cognição (THOMPSON, 1996).

Griffiths et al., (2018) mostrou que quanto maior o tempo de uso da mídia social, como o Instagram ou face, maior a preocupação com o corpo e sintomas de transtornos alimentares. A satisfação com o corpo nada mais é do que estar bem consigo mesmo, olhar no espelho e gostar do que se vê. Já a insatisfação é o contrário, traz sentimentos negativos sobre si e influência no bem-estar emocional e qualidade de vida (PIVA, 2013). Fatores sociais estão ligados a insatisfação com o corpo, e a influência da mídia se destaca, sendo considerada o principal fator de risco para tal. (CONTI, et al., 2010; THOMPSON et al., 1999).

Essa satisfação é um processo que envolvem aspectos biológicos e emocionais. Caracteriza-se por um fenômeno multidimensional, com avaliações entre corpo atual e ideal, e o quanto o sujeito sofre devido a isso. (FROST; MCKELVIE, 2004; SATO et al., 2011).

Essa compreensão é de suma importância, pois a insatisfação com o corpo pode gerar doenças físicas e emocionais, desenvolvimento de depressão, baixa autoestima, ansiedade, perda da qualidade e transtornos alimentares. (SOUZA; ALVARENGA, 2016).

A exposição diária às imagens de corpos ideais divulgados pelas mídias sociais e a discrepância frente a realidade aumenta o desprazer com seu tamanho e forma, desencadeando estados de humor negativo e os transtornos alimentares (HAWKINS et al., 2004).

Para Gonçalves e Martínez (2014) o mundo discrimina o que não segue os padrões de beleza, exercendo uma certa pressão aos indivíduos. Essa pressão afeta principalmente os adolescentes, por se encontram na fase de integração da sua imagem corporal. Essas exigências, juntamente com a imaturidade física e psíquica desses adolescentes trazem angústias e sensação de incapacidade para assumir novos papéis. A preocupação corporal tem papel principal na adolescência, onde jovens precisam construir sua imagem e identidade sexual (LIMA et al., 2012).

A construção e aceitação da imagem durante a adolescência está ligada à relação e percepção que se tem dos comportamentos e imagens corporais (GONÇALVES; MARTÍNEZ, 2014). Crone e Konijn (2018), conclui então que a imaturidade cerebral facilita os pensamentos e comportamentos não adaptativos dos adolescentes.

A aparência pode influenciar na percepção de uma imagem negativa e distorcida do próprio corpo, levando a patologias que podem influenciar práticas radicais. (GONÇALVES; MARTÍNEZ, 2014). Assim, Gonçalves e Martínez (2014), dizem que na tentativa de possuir um corpo aceito socialmente, são desenvolvidos os transtornos alimentares.

A relação entre a insatisfação com o corpo e os transtornos alimentares vem da obsessão pelo peso e imagem, que refletem na restrição de alimentos, geralmente severa, para se manter um corpo magro. E ainda podem ocorrer atitudes purgativas, através de medicação que provoca vômitos, ou laxantes com o objetivo de emagrecer (IZYDORCZYK et al., 2020).

Os transtornos alimentares são patologias que afetam os hábitos e o comportamento alimentar com a presença de ingestão desregulada de calorias comprometendo a saúde física e mental (DSM-V, 2014). Segundo o DSM-V existem 5 tipos de transtornos alimentares, dentre os de

maior prevalência estão a bulimia, anorexia e o transtorno de compulsão alimentar (GOLDEN et al., 2003).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Material e métodos

O presente estudo é realizado nos moldes de uma revisão de literatura, caracterizada por:

estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (NORONHA E FERREIRA, 2000, p. 191).

Como critérios para seleção da amostra, considerou-se: a) publicações em periódicos nacionais e internacionais, escritos em língua portuguesa, entre o período 2017 e 2020, com artigos de periódicos qualificados entre A1 e B4 segundo o QUALIS; b) artigos indexados com as palavras-chave Redes sociais, adolescência, impactos psicológicos. nas bases de dados Scielo e Pepsic; c) periódicos disponíveis no Brasil, nas bibliotecas da Universidade Salgado de Oliveira e da Universidade Federal de Minas Gerais.

Na busca inicial foram considerados o título e o resumo dos artigos para seleção ampla de possíveis trabalhos de interesse. Após o levantamento literário, realizou-se a leitura exploratória do material encontrado visando avaliá-lo, considerando-o de interesse ou não à pesquisa.

Finalmente, foram delimitados os textos a serem interpretados em um total de 6 artigos. Destes artigos, 4 foram encontrados na Base de Dados Scielo e 2 na Base Pepsic.

6 trabalhos compõem os resultados discutidos neste estudo.

A partir desse momento, os artigos foram analisados por meio de um instrumento que viabilizasse a organização das ideias dos diversos estudos para responder à pergunta do presente trabalho. O

instrumento tem como objetivo integrar os artigos lidos em suas diferenças e semelhanças “conceituais” permitindo uma aproximação à concepção geral acerca do entendimento de como as redes sociais podem tornar os adolescentes mais suscetíveis a problemas de saúde mental conforme tratada nas pesquisas analisadas.

2.2 Resultados e discussão

Os resultados das pesquisas analisadas pode ser observado no quadro 1:

QUADRO 1 - Artigos selecionados

| Autores | Título | Problemas de saúde mental apontados |
|-------------------------|--|---|
| Souza, Cunha (2019) | Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura | <ul style="list-style-type: none"> ● cyberbullying ● suicídio ● alterações de humor e comportamento ● presença de irritabilidade e/ou depressão ● labilidade emocional |
| Lira et. al (2017) | Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras | <ul style="list-style-type: none"> ● insatisfação corporal |
| Farias, Crestani (2017) | A influência das redes sociais no comportamento social dos adolescentes | <ul style="list-style-type: none"> ● isolamento social ● queda do rendimento escolar. |
| Rebelo et. al (2020) | Os adolescentes e as redes sociais | <ul style="list-style-type: none"> ● falta de percepção das repercussões dos comportamentos on-line ● isolamento ● baixo desenvolvimento de capacidades relacionais ● comprometimento do sono |

| | | |
|-------------------------|---|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> ● comprometimento da capacidade de concentração ● repercussões no desempenho acadêmico. |
| Dias et. al (2019) | Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? | <ul style="list-style-type: none"> ● cyberbullying ● suicídio ● isolamento |
| Copetti, Quiroga (2018) | A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes | <ul style="list-style-type: none"> ● insatisfação com a imagem ● transtornos alimentares ● baixa autoestima ● insegurança |

Souza, Cunha (2019) tinham como objetivo verificar quais os impactos do uso das tecnologias digitais na saúde mental dos adolescentes. Para isso, fizeram uma revisão sistemática da literatura. Definiram três perguntas para nortear suas pesquisas: “Quais os riscos do uso excessivo das redes sociais na vida dos adolescentes?”; “Como detectar problemas na saúde mental através de postagens e comportamentos na rede?”; “Quais as escalas para detecção de depressão?”. Utilizaram-se do Google acadêmico inicialmente para encontrar materiais que os direcionaram para outras bases. Como critérios de inclusão selecionaram: aponta problemas psicológicos e tecnologia, publicado entre 2012 e 2017, pesquisa com adolescentes/jovens, fala sobre a saúde mental de adolescentes/jovens, apresenta escalas de depressão/saúde psicológica, foi realizada pesquisa com adolescentes, aborda o uso das redes sociais e consequências de seu uso, aponta vícios tecnológicos, mostra a relação de jovens/adolescentes com as tecnologias digitais. Através dos estudos dos artigos, puderam verificar que o uso excessivos das tecnologias digitais trazem dois principais riscos: cyberbullying (que também direcionam a indícios de depressão) e o suicídio. Entre os artigos analisados, 9 mostraram que as alterações de humor e comportamento e a grande necessidade de permanecer conectado e seus perfis atualizados são maneiras de detectar possíveis problemas à saúde mental. Também foram apontados como identificadores de dependência da internet: a necessidade de aumentar o tempo conectado (on-line), a presença de irritabilidade e/ou depressão, a exibição de esforços repetidos para

diminuir o tempo de uso de internet, labilidade emocional na redução do uso da internet, maior permanência conectado do que o programado, trabalhos e relações sociais em risco pelo uso excessivo, e mentir aos outros a respeito do tempo on-line. Dentre as escalas mais utilizadas para detectar a depressão notaram que o Inventário de Depressão de Beck (BDI) é a escala mais utilizada.

Lira et. al (2017) buscaram avaliar relações entre a influência da mídia e o uso de redes sociais na imagem corporal (IC) de adolescentes do sexo feminino. Realizaram um estudo transversal com meninas adolescentes estudantes de uma escola pública e de uma organização não governamental da capital e do interior de São Paulo. Utilizaram-se de dados como variáveis sociodemográficas e antropométricas e a Escala de Silhuetas Brasileiras para avaliarem a insatisfação corporal. Para avaliarem a influência da mídia, utilizaram-se da subescala 1 de internalização geral da Escala de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência (SATAQ-3). No fim, aplicaram perguntas sobre a frequência de acesso às mídias sociais e as possíveis influências deles na insatisfação corporal. As meninas que escolheram figuras menores como desejadas apresentaram valores superiores na SATAQ-3 ($p < 0,001$). Observaram que aquelas que acessam as redes sociais Facebook e Instagram diariamente e Snapchat de 1 a 5 vezes e de 5 a 10 vezes por dia possuíam uma maior chance de estarem insatisfeitas com sua imagem corporal. O acesso diário ao Facebook e Instagram aumentaram a chance de insatisfação corporal em 6,57 e 4,47 vezes respectivamente. Um quarto das meninas, relataram que já se sentiram influenciadas a cortar da alimentação comidas “não saudáveis”. Aproximadamente a mesma quantidade, citou que as redes sociais eram fontes de informação sobre o que é um corpo saudável e influenciavam na percepção e relação com o corpo, entretanto a maioria, relatou não ter feitos dietas ou seguido recomendações feitas pelas redes sociais e que as redes sociais não influenciavam suas escolhas alimentares. O escore formado pelas respostas sobre a influência das redes mostrou correlação fraca com escore de insatisfação corporal (Spearman, $r = 0,25$, $p < 0,05$), mas aponta, de certa forma, relação entre uso dessas mídias e a insatisfação corporal. Concluíram o estudo afirmando que as mídias, incluindo as redes sociais, estão associadas à insatisfação da IC de meninas adolescentes.

Farias, Crestani (2017) buscaram investigar a influência das redes sociais no comportamento social do adolescente. Utilizaram-se de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa. Foi

realizada com 17 adolescentes na faixa etária de 13 a 18 anos. A coleta de dados foi feita através de entrevistas individuais, de forma on-line, pelo Whatsapp. Eles utilizaram o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) de Nicolaci-da-Costa, para realizarem a análise dos depoimentos. A maior parte dos adolescentes percebem as redes sociais como um meio de comunicação e um local de liberdade para expressar o que pensam e o que querem, além de ser um local para conhecer diferentes pessoas e fazer amizades. Sobre as amizades virtuais, mais da metade dos participantes, percebem estas relações como de grande importância. Também relatam confiar mais nas amizades virtuais para contar seus pensamentos e segredos, uma vez que as amizades virtuais não iriam julgar ou contar para outras pessoas que os conhecem. Devido ao grande prejuízo no rendimento escolar por consequência do uso excessivo das redes sociais, alguns participantes relataram que durante o período de provas, o tempo de uso do celular e das redes sociais é bastante reduzido. A maioria dos participantes também relataram que os pais não sabem o conteúdo das redes que usam e que metade deles nunca se importaram em olhar e a outra evita que os pais vejam o conteúdo de determinada rede para não gerar conflitos por diferenças de opiniões. Um quarto dos adolescentes não vêem que as redes sociais tenham causado alguma mudança na sua vida e a outra parte afirma que houve uma mudança negativa, como o isolamento social e queda do rendimento escolar. Para os autores, os resultados da pesquisa indicam que as redes sociais têm influenciado as relações dos adolescentes de maneira positiva, mas também negativa e que é necessário uma atenção na maneira de se orientar os adolescentes e uma maior atenção dos pais com relação ao conteúdo acessado por eles. Sugerem ainda, que seria fundamental um trabalho de conscientização nas escolas, declarações de pessoas com conhecimento na área, informação em mídia falada e escrita como meio de prevenir e orientar os familiares, os adolescentes e professores.

Rebelo et. al (2020) pretendem descrever a utilização das redes sociais, o controle parental e a consciência dos riscos associados. Para isso, fizeram um estudo observacional e transversal realizado através do preenchimento de questionários anônimos a alunos. escolas do concelho de Guimarães (Portugal) entre abril e junho de 2018 a adolescentes, de 9 a 20 anos, que frequentam o 2º/3º ciclos do ensino básico e secundário, no ano letivo de 2017/2018. No questionário foram abordados os seguintes tópicos: caracterização da utilização, controle parental e consciência de risco. Na análise dos resultados verificaram que a maioria dos adolescentes obtiveram

autorização dos pais para a criação da conta de perfil das suas redes sociais, entretanto admitem que os cuidadores não conhecem a senha atual. 65% dos adolescentes (17% com idades entre os 10 e os 11 anos) afirmaram já ter contato com desconhecidos através das redes sociais. Em 25% dos casos esses contatos deram origem a agendamento de encontros. Uma pequena parte, 4% dos adolescentes admitiram já ter publicado mensagens com o intuito de ofender. 61% dos respondentes relataram acessar conteúdos com restrição de idade através do preenchimento de falsas idades. Quase metade (40%) dos adolescentes relatam ter recebido e 12% já enviaram mensagens de conteúdo sexual. Dos respondentes, 40% acreditam que as publicações feitas nas redes sociais não poderão prejudicar a sua privacidade e 61% consideram que estas publicações não terão impacto no seu futuro, ressaltando a falta de percepção das repercussões que os comportamentos on-line podem ter para os próprios adolescentes e para suas famílias. No artigo, também alertaram para o perigo de isolamento e baixo desenvolvimento de capacidades relacionais, ficando evidente a ineficácia da restrição ou proibição da utilização. A maioria dos adolescentes acessam as redes sociais durante a noite, surgindo preocupações com o comprometimento do sono e os seus efeitos na capacidade de concentração e potenciais repercussões no desempenho acadêmico. Concluíram também que os adolescentes têm modificado a dualidade agressor/vítima, sendo também o adolescente a origem de agressões e maus-tratos.

Dias et. al (2019) empreenderam uma discussão teórica relacionando os riscos na internet com os ritos de passagem no tempo lógico da adolescência. A proposta era realizar uma intervenção em escolas públicas que tinham como objetivos principais, investigar os usos que os adolescentes fazem das redes sociais e proporcionarem um espaço de questionamentos e reflexões visando alcançar a responsabilização pelo agir e pelas palavras no ambiente virtual. Foi utilizado como metodologia a conversação de orientação psicanalítica, que tem como proposta, a criação de espaços de fala onde há associação livre coletivizada. Os encontros foram realizados semanalmente com 10 adolescentes entre 13 e 15 anos e foram coordenados por uma psicóloga. A escolha dos adolescentes foi realizada pela escola e utilizaram como critério convidar os alunos que tinham se envolvido em algum episódio relacionado às redes sociais. Foram realizados 17 encontros de 60 minutos cada em horário estabelecido pela instituição de ensino. Em seus relatos sobre as experiências nas redes sociais, os jovens apontam para seus modos de gozo e a forma

como se relacionam com os pares. Foi percebido que alguns adolescentes apresentavam condutas de risco tanto online quanto off-line, e se envolveram em situações de cyberbullying. Também relataram se exporem de modo impulsivo, sem ponderar sobre as possíveis consequências. Nas falas dos participantes, é possível observar que anseiam pela inserção em grupos identitários em que possam ser acolhidos, no entanto, os grupos tendem a ser autoritários e não aceitam as diferenças, segregando os que estão fora do seu padrão. Nestas situações, os adolescentes colocam seus corpos em perigo, ameaçam a se matar. E não existe a possibilidade de diálogo para resolver os conflitos vivenciados. Concluem que ao tentar se inserir no mundo, o adolescente se aproxima do risco, criando seu próprio rito de passagem, que mostre sua verdadeira identidade, sem apoio dos pares, o que pode levá-los às condutas de risco no meio online, buscando um Outro humanizado, acolhendo-o no laço social.

Copetti, Quiroga (2018) trouxeram a discussão de questões ligadas à mídia, ao padrão estético vigente e como estes podem influenciar no desenvolvimento de TAs nas adolescentes. Propuseram uma revisão narrativa da literatura. Através dos resultados, perceberam que a mídia atua de forma intensa e maciça sobre o modo como a população pensa e se comporta. Perceberam que a insatisfação das adolescentes com a imagem é desenvolvida pela idealização do corpo perfeito que a sociedade cria e é disseminado pela mídia. Essa tentativa de conseguir um corpo socialmente aceito, pode introduzir no púbere uma alimentação inadequada e desenvolver os transtornos alimentares. O espaço das redes sociais “Ciberespaço” permite que os usuários falem e escutem com poucas censuras, facilitando a criação de comunidades, que compartilhem das mesmas crenças e interesses. Há vertentes mais patológicas destas comunidades, onde as mensagens entre as usuárias incentivam a valorização social dentro da comunidade e que impulsionam para a realização de práticas anoréxicas e bulímicas, como as chamadas de “PróAna” (prol da anorexia) e “Pró-Mia” (prol da bulimia). Nestes locais percebem-se a presença de adolescentes com baixa autoestima e inseguras, que buscam nos meios de comunicação validação e pertencimento grupal. Evidencia-se assim a importância de psicólogos realizarem trabalhos com jovens sobre os seus aspectos emocionais como forma de prevenção, buscando minimizar a vulnerabilidade frente a esses contextos adversos, possibilitando condutas construtivas e diminuindo as destrutivas. Através dos resultados, apontam-se na literatura as diferentes possibilidades de atuação com esta população: equipe multidisciplinar composta por

clínico geral, psiquiatra, nutricionista e psicólogo, todos com preparo, formação e habilidade adequadas para lidar com esses casos. A terapia cognitiva comportamental demonstra maiores resultados. A terapia familiar também se mostra eficiente para identificar os comportamentos desencadeantes e para dar suporte para a família.

Foram revisados um total de 6 artigos. Eles dissertaram de uma forma geral, sobre o uso das redes sociais e as influências negativas relacionadas ao psicológico dos adolescentes.

Estiveram presentes aspectos que correspondem à relação entre o tempo de acesso à internet e as consequências do seu uso excessivo, suas influências nos comportamentos e relações interpessoais, bem como seus efeitos nocivos à saúde mental do jovem. Verificamos em todos eles semelhantes aspectos que dizem respeito às consequências resultantes de seu uso. Os dados contidos nos artigos comprovam que o jovem está suscetível à manipulação das redes sociais.

Porém, nota-se que o adolescente não consegue perceber e discernir de forma clara sobre a representação da internet e as redes sociais em sua vida, de maneira ampla, englobando aspectos como a socialização e a possibilidade de se expressarem, bem como os prejuízos por seu uso indiscriminado, sugerindo-se então uma falta de percepção acerca das repercussões existentes.

Como resultado, concluiu-se que o sujeito se torna passível de manipulação perante as redes, pois a mesma oferece e facilita meios de socialização, comunicação e expressão da sua subjetividade, deixando o sujeito confortável e acomodado no meio virtual. Essas ferramentas facilitadoras, fazem com que o jovem negligencie sua própria subjetividade, tornando-o suscetível a recorrer a elas como maneira de se expressar, reproduzindo assim padrões subjetivos manipulados pela internet.

Em contrapartida às facilidades apresentadas, foram citados diversos prejuízos emocionais e as repercussões no psicológico dos adolescentes como: - o cyberbullying, o suicídio, as alterações de humor, mudanças de comportamento, irritabilidade, a depressão, a labilidade emocional, insatisfação corporal, isolamento social, queda no desempenho escolar, baixa capacidade

relacional, comprometimento do sono e concentração, a insatisfação corporal, a baixa autoestima, a insegurança e os transtornos alimentares.

Os resultados encontrados mostram que a influência em prol do pertencimento a um grupo virtual ou um determinado padrão de beleza, podem não só, persuadir, como também potencializar ideais associados ao conceito de saúde e belo e os perfis aceitos perante a sociedade, tidos como "normal" ou "ideal", interferindo assim diretamente nas crenças em relação a subjetividade e a autopercepção estética do sujeito.

Todos os artigos analisados apontam que o adolescente encontra a necessidade de pertencimento e aceitação grupal, deste modo, buscam nas redes sociais esta sensação de pertencer, por meio das validações fornecidas pelo mundo on-line através de likes, comentários, compartilhamentos e etc. Isto faz com que o ambiente virtual se torne uma fonte idealizada de relações e padrões a serem seguidos.

Diante dos fatos apresentados pelo estudo, aparece a necessidade de acompanhamento e controle parental como forma de amenizar as consequências negativas. Outra possível intervenção seria a conscientização desse jovem por meio de atividades que visem o questionamento e a reflexão em espaços educacionais públicos, visando alcançar a responsabilização e a consciência sobre os riscos apresentados pelas redes sociais.

A partir da análise dos estudos podemos observar que os meios de comunicação e redes sociais exercem forte influência entre jovens e adolescentes no desenvolvimento da subjetividade e formação de sua identidade, proporcionando sensação de bem-estar, dando a oportunidade para os usuários compartilharem suas experiências e assim, influenciando suas percepções de si e sobre o meio.

3 CONCLUSÃO

No sentido de analisar a vulnerabilidade psicológica do adolescente e sua suscetibilidade às manipulações das redes sociais, o presente artigo pode identificar que as redes ocupam um lugar

de identificação e agrupamento das pessoas, diante da compreensão de pertencimento. Fazer parte de alguma comunidade nas redes sociais, é partilhar o mesmo lugar, as mesmas impressões, e sentimentos, o que influencia diretamente a subjetividade, a individualidade e o sentimento de pertença a um ou vários grupos, principalmente nos adolescentes por estarem em processo de formação de sua identidade.

Com a realização da pesquisa compreendemos que a construção da identidade do adolescente é permeada por sua interação com os pares. Nesse processo de interação virtual o jovem busca a satisfação de suas necessidades, como pertença, aprovação e validação social, tornando-se vulneráveis e manipulados pela necessidade de satisfação de um ideal.

Assim, elas influenciam na modulação do seu comportamento dentro e fora do ambiente virtual, trazendo para a sua vivência cotidiana condutas e hábitos que comprometem o estado emocional e psicológico como consequências de seu uso indiscriminado.

Seria viável a fim de minimização dessa manipulação, advindas da dependência das redes virtuais, buscar maneiras de promover a conscientização a respeito de seus efeitos na subjetividade do sujeito. Percebe-se a falta de estudos relacionados ao assunto proposto, a partir da ótica das possibilidades de se introduzirem ações que visem reduzir suas consequências, dificultando a construção e elaboração do presente trabalho, no sentido de contribuir para possíveis soluções.

Mediante as questões verificadas, apresenta-se como importante ferramenta a realização de pesquisas longitudinais, com o objetivo de conseguir medir as mudanças e alterações progressivas da subjetividade em adolescentes sob os efeitos da dependência das redes sociais na formação de sua identidade.

Por fim, a partir dos estudos analisados, verifica-se a necessidade de mais estudos que possam evidenciar e aumentar a perspectiva metodológica da vulnerabilidade psicológica dos adolescentes, suas consequências psicológicas, assim como, proporcionar possibilidades de atuação como o objetivo de minimizar seus efeitos negativos.

Finalmente destacamos que esta pesquisa até aqui empreendida avançará muito se adicionada de outras abordagens que possam contribuir a partir de compreensões advindas de outras áreas e de estratégias específicas para o cuidado, entendendo a necessidade de obter critérios e intervenções assertivas diante dessa realidade apresentada e dos problemas psicológicos evidenciados como fim de tornar possível uma maneira mais saudável de fazer o uso das redes sociais, levando em consideração a subjetividade de cada indivíduo nesse processo.

REFERÊNCIAS

ALLEN, J. P., EVANS, M. A., HARE, A. L., & MIKAMI, A. Y. **Adolescent peer relationships and behavior problems predict young adult's communication on social Networking websites.** *Development Psychology*, 2010, 46-56p.

ALMEIDA, G. G. S. et al. **As redes sociais e os adolescentes: um estudo a partir dos pressupostos da psicologia social.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) 2018 – UNIVAG Centro Universitário, Várzea Grande - MT. Disponível em: <<http://repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/414>>.

AZEVEDO, A. K. S. **Relação Amorosa e Tentativa de suicídio na adolescência:** uma questão de (des)amor. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; centro de ciências humanas, letras e artes; programa de pós-graduação em psicologia, 2006.

BARSA. **Enciclopédia Encyclopaedia Britannica.** V. 2. São Paulo: Encyclopaedia Britannica Consultoria Editorial, 1993.

BAUMAN, Z. **Amor líquido:** Sobre a fragilidade dos laços humanos Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERGER, K.S. **O desenvolvimento da pessoa da infância à adolescência.** 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003. 432 p.

BRASIL **Brasil é 2º em ranking de países que passam mais tempo em redes sociais.** BBC NEWS BRASIL, 06 set 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-rankingde-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>

CALHAU, L. B. **Bullying:** o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Rodapé, 2009. 218.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede** 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CERIBELI, J. ; PAIVA, V. **Redes e mídias sociais na internet:** realidades e perspectivas de um mundo conectado. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 12, jan./jun. de 2011. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/509>

CHRISTAKIS, N. A., & FOWLER, J. H. **The Spread of Obesity in A Large Social Network over 32 Years.** *The New England Journal of Medicine*, 2007. 357(4), 370-379. Disponível em: <http://doi.org/10.1056/NEJMsa066082>

CONTI, A. M., BERTOLIN, T. N. M., & STELA, V. S.). **A Mídia e O Corpo:** O que O Jovem Tem a Dizer? *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(4), 2010. 2095-2103. <http://doi.org/10.1590/S1413-81232010000400023>

COPETTI, A.V.S, QUIROGA, C. V. **A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes.** *Revista de Psicologia da IMED*, 10(2), 161-177. 2018. <https://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i2.2664>

CRONE, E. A., & KONIJN, E. A. **Media use and brain development during adolescence.** *Nature Communications*, 588(9), 2018. 1-10p.

DELVAL, J. **El desarrollo humano.** México: Siglo XXI Editores, 2000

DIAS, V.C et al. **Adolescentes na Rede:** Riscos ou Ritos de Passagem? *Psicol., Ciênc. Prof. (Impr.)* 39 • 2019 • <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FARIAS, C. A; CRESTANI, P **A influência das redes sociais no comportamento social dos adolescentes.** *Revista Ciência e sociedade*, v. 1, n. 2, 2017.

FAVARET, B. M. S., MENDONÇA, A. L. S, COELHO, E. R, & FAUSTINI, R. R. **Eros no século XXI:** Édipo ou Narciso? *Tempo Psicanalítico*, 39, 2007. 35-50.

FAVERET, B. M. S. et.al **Eros no século XXI:** Édipo ou Narciso?. 39 ed. *Tempo Psicanalítico*, 2007, 35-50p.

FERREIRA, A.B.H **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 4. Ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, G **Redes Sociais de Informação:** uma história e um estudo de caso. 2011

FERREIRA, G.C. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.16, n.3, p.208-231, jul./set. 2011

FOLLMAMM, J. **Identidade Como Conceito.** *Ciências Sociais UNISINOS*, São Leopoldo, nº 158,v 37, 43 – 6, 2001.

FONSECA, P. N. et al. **Uso de redes sociais e solidão:** evidências psicométricas de escalas. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 198-212, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300014&lng=pt&nrm=iso.

FROST, J; MCKELVIE, S. **The Relationship of Self-Esteem and Body Satisfaction to Exercise Activity for Male and Female Elementary School , High School, and University Students.** The Online Journal of Sport Psychology, 2004, 7, 36-44.

GOLDEN, N. H., KATZMAN, D. K., KREIPE, R. E., STEVENS, S. L., SAWYER, S. M., REES, J., NICHOLLS, D., & ROME, E. S **Eating disorders in adolescents:** position paper of the Society for Adolescent Medicine Journal of Adolescent Health, 33 , 2003, 496-503

GONÇALVES, V.O., & MARTÍNEZ, J.P. **Imagem corporal de adolescentes:** um estudo sobre as relações de gênero e influência da mídia. Comunicação e Informação, 17, 2014. 139-154p.

GRIFFITHS, S., MURRAY, S. B., KRUG, I., & MCLEAN, S. A. **The Contribution of Social Media to Body Dissatisfaction, Eating Disorder Symptoms, And Anabolic Steroid Use Among Sexual Minority Men.** Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 21, 2018. 149-156p. <http://doi.org/10.1089/cyber.2017.0375>

GUARESCHI, N. M.F. **Cultura, Identidade e Diferenças.** São Paulo, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 6.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2001. P. 102

HANNA E, WARD LM, SEABROOK RC, JERALD M, REED L, GIACCARDI S, et al. **Contributions of Social Comparison and Self-Objectification in Mediating Associations Between Facebook Use and Emergent Adults' Psychological Well-Being** Cyberpsychol Behav Soc Netw. 2017;20:172-9.

HAWKINS, N., RICHARDS, PS, GRANLEY, HM, & STEIN, DM **O Impacto da Exposição à Imagem da Mídia Thin-Ideal nas Mulheres.** Transtornos Alimentares , 12 , 2004. 35-50. <http://doi.org/10.1080/10640260490267751>

HOLLAND G, TIGGEMANN M. **A systematic review of the impact of the use of social networking sites on body image and disordered eating outcomes.** Body Image. 2016;17:100-10.

IZYDORCZYK, B., SITNIK-WARCHULSKA, K., LIZIŃCZYK, S., & LIPOWSKA, M. **Socio-Cultural Standards Promoted by the Mass Media as Predictors of Restrictive and Bulimic Behavior** Front Psychiatry., 2020. 11, 506.

KNOBEL, M **A Síndrome da adolescência normal em A.** Aberastury & M. Knobel Adolescência Normal. 1989. (pp.24-62). Porto Alegre: Artes Médicas.

KRAUT, R., PATTERSON, M., LUNDMARK, V., KIESLER, S., MUKOPADHYAY, T., & SCHERLIS, W. **Internet paradox:** A social technology that reduces social involvement and psychological Well-Being? American Psychologist, 53, 1998. 1017-1031

LACERDA, C.A.O.P; LACERDA, M. P. **Adolescência:** problema, mito ou desafio. Petrópolis, Rio de Janeiro, ed. Vozes, 1998. 170 p.

LANGARO, F. N.; BENETTI, S. P. da C. **Subjetividade contemporânea:** narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens. Psicol. clin., Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 197-215, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200012&lng=en&nrm=isso

LEVY, P. **Cibercultura** . São Paulo, edição 34, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, N.L., ROSA, C.O.B., & ROSA, J.F.V. **Identificação de fatores de predisposição aos transtornos alimentares: anorexia e bulimia em adolescentes de Belo Horizonte, Minas Gerais**. Estudos e Pesquisa em Psicologia, 12(2), 2012. 360-378p.

LIRA, A et.al. **Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras**. J. bras. psiquiatria, 2017.66p.

MARTINS, P. O., TRINDADE, Z. A., & ALMEIDA, A. M. O. **O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16, 2003. 555-568p.

MAZZARELLA, S. R. A. ;POTTER, W. J e BYNE S **Os jovens e a mídia**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MOROMIZATO, M. S. et al. **O uso de internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em estudantes de medicina**. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 497-504, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000400497&lng=en&nrm=iso.

MYERS, T; CROWTHER, J. **Social Comparison as A Predictor of Body Dissatisfaction: A Meta-Analytic Review**. Journal of Abnormal Psychology, 118(4), 2009. 683-698. <http://doi.org/10.1037/a0016763>

NABUCO C.A. ; GOMES R.K. ; SAMPAIO D.G. ; TORNAIM D.S. **Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: (2008) uma revisão**. vol.30 no.2 . São Paulo: Rev. Bras. Psiquiatr. 2008.

NOBRE, M. R.; MOREIRA, J. de O. **A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade**. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 283-298, dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982013000200007&lng=en&nrm=iso.

NOBREGA, L. P. **A construção das identidades nas redes sociais**. Fragmentos de Cultura, 20, 2010. 95-102.

NORONHA, D.P; FERREIRA, S. M. **Revisões de literatura**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.) Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000

OLIVEIRA, G. S. **Geração Alpha entre a realidade e o virtual: o sujeito digital**. 2019. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/5811>

OMS (Organização Mundial da Saúde) **Problemas de la salud de la adolescencia**. Informe de un comité de expertos de la O.M.S (Informe técnico n° 308). 1965. Genebra.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer: Estudos sobre adolescência** Porto Alegre: Artes Médicas. 1994

PAPALIA, D. E.; FELDMAN R.D., **Desenvolvimento físico e cognitivo na adolescência e desenvolvimento psicossocial na adolescência** 12° ed, 2013. Desenvolvimento Humano, Caps. 11 e 12, pp. 384 a 448, Porto Alegre, Editora AMGH (Obra original publicada em 2012, com o título Experience Human Development, ed. The McGraw-Hill Companies, Nova York).

PIVA, J. **Satisfação com a imagem corporal de mulheres que frequentam academias de ginástica no município de Jataí GO** Jataí: UFG, 2014. Trabalho de Final de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Regional Jataí, Universidade Federal de Goiás, 2013.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. **Família e Adolescência**; A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Maringá: Psicologia em Estudo, 2007.

REBELO, A. et al. **Os adolescentes e as redes sociais**. Adolesc. Saude, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 84-90, abr/jun 2020.

RECUERO, R **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009

REGAN, P., & STEVEES, V. **Kids R Us**: Online social networking and the potencial for empowerment. Surveillance & Society, 8, 2010. 151-165.

ROSA, G. A. M.,; SANTOS, B. R. **Facebook**: Negociação de identidades e o medo da violência. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 66, 2015. 18-32.

ROSADO, L. A. da S.; TOME, V. M. N. **As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar**. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, abr. 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000100011&lng=en&nrm=iso.

SANTANA, V.F. et al. **Redes sociais online**: desafios e possibilidades para o contexto brasileiro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 29., 2009, Bento Gonçalves. Anais... Bento Gonçalves: CSBC, 2009. p. 339-353. Disponível em: <http://metropoa.inf.ufrgs.br/anais/pdf/semish/st04_04.pdf>.

SATO, P. M., TIMERMAN, F., FABBRI, A. D., SCAGLIUSI, F. B., & KOTAIT, M. S. **A Imagem Corporal nos Transtornos Alimentares**: Como O Terapeuta Nutricional Pode Contribuir para O Tratamento [Body Image in Eating Disorders: How The Nutritional Therapist Can Contribute to Treatment]. In M. Alvarenga, F. B. Scagliusi, & S. T. Philippi (Eds.). 2011. Nutrição e transtornos alimentares - avaliação e tratamento Manole.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. 3º ed. São Paulo. 1999.

SIFUENTES, T. R., DESSEN, M. A., & OLIVEIRA, M. C. S. L. **Desenvolvimento humano**: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23, 2007. 379-385

SILVAI T. O. & SILVA L. T. G. **Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais**. Rev. psicopedag. vol.34 no.103 São Paulo 2017.

SOUZA, A. C., & ALVARENGA, M. S. **Insatisfação com A Imagem Corporal em Estudantes Universitários**: Uma Revisão Integrativa [Body Dissatisfaction among University Students - An Integrative Review]. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 65(3), 2016. 286-99. <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000134>

SOUZA, K. CUNHA, M. **Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes**: uma revisão sistemática da literatura. v. 3 n. 3 (2019): Revista Educação, Psicologia e Interfaces.

SOUZA, M. R. R., OLIVEIRA, J. F., NASCIMENTO, E. R., CARVALHO, E. S. S. **Droga de corpo!** Imagens e Representações do Corpo Feminino em Revistas Brasileiras [Damn Body! Images and Representations of the Female Body in Brazilian Magazines]. Revista Gaúcha de Enfermagem, 34(2),2013. 62-69. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472013000200008>

STENGEL, Marcia; DOURADO, Simone; DIAS, Vanina; SOARES, Samara; FRICHE, Marielza; FRAGA, Jessica; LOCATELLI, Renata; SANTOS, Luis **Geração, família e juventude na era virtual.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.24, n. 2, p. 424-441. ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/18524/14040>

THOMPSON, J. K. **Body image, eating disorders and obesity:** an integrative guide for assessment and treatment. Washington, DC: American Psychological Association, 1996.

THOMPSON, J. K., Heinberg, L., Altabe, M., & Tantleff-Dunn, S. **Exacting Beauty:** Theory, Assessment, and Treatment of Body Image Disturbance. American Psychological Association. 1999.

TOMAE, M.I; ALCARÁ, A.R; DI CHIARA, I.G. **Das redes sociais à inovação.** Ci. Inf. 34. Ago 2005.

TURKLE, S. **The second self:** Computers and the human spirit. New York: Simon & Schuster, 1989.

VALENTE, José A. **A Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.** Revista UNIFESO – Humanas e Sociais. 1. v.2014. Disponível em: <http://www.revista.unifeso.edu.br/index.php/revistaunifesohumanasesociais/article/view/17/24>.